



## “Palmas para o pôr do sol do Arpoador!”: o prazer de celebrar as emoções relativas à “carioquice”<sup>1</sup>

Alessandra de Figueredo Porto<sup>2</sup>

Cíntia Sanmartin Fernandes<sup>3</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ

### Resumo

O presente artigo busca compreender a relevância da “carioquice ou da carioquidade” como um elemento potencializador das sociabilidades presentes na dinâmica da cidade do Rio de Janeiro. Partindo da perspectiva supracitada, o trabalho analisa o papel das experiências, dos afetos, das emoções e da arquitetura dos lugares como fundador de um novo ethos que possui a capacidade de ressignificar um lugar: a Pedra do Arpoador. Buscou-se neste artigo descrever a dinâmica do cotidiano deste lugar da cidade, onde o viver e a experiência sensível de diversas “tribos” com o espaço (real e virtual) são capazes de elevar o Arpoador ao conceito de “lugar altar”. Nesse contexto, o hábito de aplaudir o pôr do sol pode ser visto como um gesto onde se constroem sociabilidades, possuindo imbricações com a geração de sentido fundamentada nas partilhas de afeto.

**Palavras-chave:** Rio de Janeiro; Arpoador; sociabilidades; emoções; carioca.

### 1. Introdução

Aplaudir o pôr do sol visto da Pedra do Arpoador é considerado um “momento mágico”. De acordo com o site “Rio Guia Oficial”, “o local é considerado o mais lindo para se apreciar o mar e o pôr do sol”<sup>4</sup>. Sendo assim, dezenas de pessoas sobem os degraus da Pedra do Arpoador e se reúnem no alto das rochas, em busca do melhor ângulo para assistir ao espetáculo da natureza. Alguns levam cadeiras, e se comportam como se estivessem acomodados em um camarote. Com olhos atentos, a plateia vibra emocionada enquanto o sol vai se despedindo aos poucos, em um momento de afeto e confraternização, e assim, a partir dessa performance coletiva, compreendemos que a afetividade se mistura aos acontecimentos da vida coletiva e pessoal, implicando em um sistema de valores teatralizados pelos atores em cena (LE BRETON, 2009; DUVIGNAUD, 1980). Le Breton (2009)

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 6 (GT06: Comunicação, Consumo e Subjetividade) do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

<sup>2</sup>Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM-UERJ), docente do curso de Comunicação Social do IBMEC/RJ. Email: [afp.fidelizar@uol.com.br](mailto:afp.fidelizar@uol.com.br)

<sup>3</sup>Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM-UERJ), Doutora em Sociologia Política. Email: [cintia@lagoadaconceicao.com](mailto:cintia@lagoadaconceicao.com)

<sup>4</sup><Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/verao-2016/aplause-da-lugar-selfie-no-por-do-sol-do-arpoador-14759561> Acesso em: 06 mar.2018>



destaca que a afetividade mistura-se a acontecimentos da vida coletiva e pessoal, implicando em um sistema de valores posto em prática pelo indivíduo. Nesse contexto, a afetividade na vida social a impulsionaria rumo à epifanização e à valorização do que faz a natureza humana, colocando em comum seus afetos e celebrando esta comunalização em refeições, festas, procissões, “um modo de dizer o prazer de estar-junto” (MAFFESOLI, 2010, p.74).

É importante observar que boa parte da cultura praiana do Rio surgiu no Arpoador, local escolhido para o encontro entre personagens folclóricos, pioneiros de hábitos mais relaxados e da moda mais livre, assustando e provocando os cariocas mais conservadores<sup>5</sup>. A chegada do *surf* nas areias do Rio em meados dos anos de 1960 e início dos 70 representou não somente o advento da prática de um esporte, mas a origem de um estilo, no qual a juventude, a comida natural, as roupas confortáveis, os cabelos longos e a interação sensível com a natureza re-significaram os sentidos daquele espaço.

Conforme Ruy Castro,

O Arpoador sempre acolhera várias turmas, até então, não houvera o predomínio de umas sobre as outras. Mas, com a crescente hegemonia do surfe, a partir de 1964 – e com a ocupação do Arpoador pelas grandes massas que os surfistas atraíam – os habitués começaram a debandar (...). Em 1965, a cultura e mitologia do Arpoador clássico estavam chegando ao fim – mesmo porque, sendo Ipanema um território pronto para recebê-las, suas bandeiras erguidas (como a do sexo sem culpa) foram rapidamente assimiladas pelo bairro e deixaram de ser um privilégio. (CASTRO, 1999, p. 43)

Corroborando com esse imaginário baseado no surf e na contracultura, a Galeria River - localizada no Arpoador - transformou-se, nos anos 70, num “ícone da moda”, pois além de lojas destinadas aos surfistas, boutiques como Aniki Bóbó<sup>6</sup>, de Celina M. da Rocha destinava-se ao estilo dos jovens frequentadores das areias de Ipanema. O nome da marca de design psicodélico, criada em parceria com o artista plástico Gilles Jacquard, inspirou-se no filme homônimo do português Manuel de Oliveira, precursor do neo-realismo italiano e colaborou demasiadamente para atrair uma clientela que cultivava manifestações culturais típicas que emergiram após os anos 60.

<sup>5</sup>A respeito do consumo como uma prática cotidiana fundamental para se compreender as sociabilidades nas sociedades atuais veja o artigo de Fernandes (2013), “Territorialidades nômades: Comunicação, moda e música no Rio de Janeiro”, in Revista ECO-POS – v. 16, n. 3, p. 04-18, set./dez. 2013.

[https://revistas.ufrj.br/index.php/eco\\_pos/article/view/829/pdf\\_3](https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/829/pdf_3)

<sup>6</sup>Sobre Aniki Bóbó consultar: Renata Sernagiotto “Boutiques de Ipanema” in Antenna Web – Revista Digital do IBModa <http://www.antennaweb.com.br/edicao2/artigos/artigo2.htm> Acesso em 22 janeiro 2018.



A “carioquice” tem o Arpoador como um de seus principais berços. O lugar permanece eternizado na letra da canção “Faz parte do meu show”, onde o falecido poeta, cantor e compositor Cazuzu confessa: “*Vago na lua deserta das Pedras do Arpoador.*”

Sendo assim, aproveitar o espetáculo do pôr do sol no Arpoador (e homenageá-lo com uma salva de palmas como expressão das emoções que evocam o espírito carioca) constituem o objeto de reflexão do presente artigo.

## 2. A “carioquice” e a comunhão das emoções

O Rio de Janeiro é uma das metrópoles brasileiras responsável pela propagação de ideias e valores<sup>7</sup>. Nas cidades interculturais as narrativas estão sempre e constantemente sendo recriadas, deslocando-se e se re-imaginando com e por meio de diversas interações e negociações culturais, as quais ressignificam as práticas, os usos e experiências cotidianas contemporâneas das urbes.

Partimos da premissa de que a cidade do Rio de Janeiro é representativa de relações em que os espaços são redefinidos seguindo os fluxos e os fixos, as continuidades e as discontinuidades cotidianas balizadas por modos de estar, de vivenciar e de experienciar os locais e lugares por meio de uma prática intercultural (CANCLINI, 2011). Essas práticas, enquanto “artes do fazer” cotidiano (DE CERTEAU, 1994), podem ser apreendidas em diversos “pedaços” da cidade. Cidade que aqui é tratada como espaço comunicacional-interacional, vivificado nas dinâmicas socioculturais-ambientais comunicantes de diversas identificações, modos de presença, gostos e significações dos indivíduos que convivem e interatuam nela e com ela.

A partir dessas considerações, pode-se afirmar que o Rio de Janeiro é uma metrópole brasileira, que assim como outras, assume determinadas características identitárias propagadoras de ideias e valores que se dão a ver em narrativas e imaginários “formadores” de seus lugares. Sendo assim, pode-se falar em um estilo próprio oriundo da cidade: a “carioquice<sup>8</sup>”. Gontijo (2007) menciona que, desde o século XVIII (mesmo antes da transferência da capital colonial de Salvador para o Rio de Janeiro), o que era criado no Rio acabava se tornando a essência da “brasilidade”.

<sup>7</sup>PORTO, A. F.; SANTOS, M. H. C. Rio 450 anos: a celebração como estratégia da campanha comemorativa em homenagem à Cidade Maravilhosa.. In: IX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas, 2015, Campinas. Anais do IX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas - 2015, 2015. p. 434-450.

<sup>8</sup> A palavra “carioquice” foi dicionarizada, e segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, possui os seguintes significados: 1) Ação ou dito próprio de carioca; cariocada; carioquismo. 2) Caráter ou qualidade peculiar do que é ou de quem é carioca. 3) Predisposição favorável às coisas cariocas.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Todavia, o Rio foi deixando aos poucos de ser somente um “produtor e exportador da brasilidade”. A cidade passou a apresentar uma série de características próprias, “particulares, permitindo que falemos, então, de uma espécie de carioquidade” (GONTIJO, 2007, p. 42).

Nesse contexto, o futebol dominical no Maracanã, as rodas de samba regadas a feijoada e caipirinha, as idas à praia para o mergulho no mar representariam mecanismos identitários da cidade do Rio de Janeiro. E pode-se inserir em tal rol de elementos o mate gelado com limão acompanhado do Biscoito Globo, já que ambos evocam a “carioquice ou carioquidade” - e são peças integrantes do Patrimônio Cultural Carioca<sup>9</sup>.

Nenhum dos elementos supracitados possuiria uma lógica caso o carioca não fosse capaz de criar um composto particular gerador de sentidos. Diante de tal perspectiva, Abreu (2000, p. 168) aponta que:

O carioca é um ser que vem sendo inventado de formas variadas há quase cinco séculos. “Ser carioca” é, portanto, uma fórmula que admite uma pluralidade de significados que variam com fatores como tempo, lugar e também de acordo com a posição, a trajetória e os objetivos daqueles que acionam essa categoria.

Ainda segundo a autora (2000), a infinita plasticidade do carioca é o que permite que essa identidade se mantenha viva, plena de significados e aberta a novas situações, ressaltando que o carioca tem se mostrado receptivo às influências em toda a história do Rio de Janeiro.

É interessante observar que Gontijo (2007, p. 126) frisa que a “carioquidade” nunca foi devidamente evocada, conforme se observa a seguir:

Quanto ao Rio de Janeiro, no entanto, nunca se tentou fazer alusão à existência de uma suposta carioquidade. Ao contrário, ainda há uma espécie de ideologia (sutil) da carioquice permeando os escritos da maioria dos cientistas sociais e intelectuais brasileiros (de todos os tempos), que generaliza os traços cariocas para o resto do Brasil, transformando-os em traços culturais nacionais, formadores da própria identidade nacional brasileira.

O hábito de ir à praia e de usufruir de um estilo de vida à beira mar fazem parte da vida do cidadão carioca. Segundo Freitas (2011), é justamente entre as evidências que a cidade produz

<sup>9</sup><Disponível em:

<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4368015/4108330/18DECRETO35179AtividadeVendedorAmbulantedeMateLimonadaeBiscoitodePolvilho.pdf> Acesso em: 01 mar. 2018>



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

permanentemente sentidos e significados para os seus habitantes. Portanto, o que faz do carioca um carioca é a maneira com que tais elementos são materializados, experimentados e tangibilizados em seu cotidiano - aliados ao modo de se relacionar com a cidade e com o outro. Sendo assim, o que faz o carioca ser o que é parte também da sua capacidade de se relacionar com o outro - seja na praia, no “Maraca” ou nos diversos logradouros que compõem o Rio de Janeiro, visando usufruir das vibrações que a cidade emana. La Rocca (2015) aponta que os corpos estão transimersos na atmosfera urbana, pois é justamente assim que se pode experimentar as sensações e sentir a carga emocional das cidades, que pode ser traduzida como uma energia que o solo urbano libera.

E mesmo envolta em uma atmosfera de violência (incluindo a incidência de “arrastões” que transformam os bairros da zona sul do Rio de Janeiro em verdadeiras praças de guerra<sup>10</sup>), os “cariocas não gostam de dias nublados”<sup>11</sup>. Lessa (2005) ressalta inclusive que a guerra do narcotráfico, as balas perdidas, o vanguardismo do crime organizado (com assaltos a bancos e sequestros) e os arrastões fixaram na retina a violência do Rio.

Retomando à análise que diz respeito ao espírito carioca, cabe destacar que, no início do século XX, o hábito de tomar banho de mar ainda não estava associado ao divertimento, e permanecia profundamente ligado ao discurso da salubridade. O’ Donnell (2013) cita que a palavra “banhista” não possuía a acepção comumente empregada na atualidade, referente à pessoa que está em praia, piscina, rio ou parque aquático com trajes próprios para se banhar. Tal costume não era enxergado como mero lazer ou como forma de sociabilidade, o que aconteceria apenas posteriormente. Nascia então um novo estilo de vida no Rio de Janeiro, associado a um território específico: a praia. Para Bueno (2008), os estilos de vida tornaram-se uma das primeiras instâncias de construção de identidades na contemporaneidade, aflorando e ganhando visibilidade no interior de um amálgama de práticas culturais.

McCracken (2003) menciona que os estilos de vida podem ser entendidos partindo da utilização das teorias estruturais do significado, já que as coisas andam juntas por causa de sua consistência cultural interna. Aos poucos, a praia passou a ocupar um papel primordial na cultura da cidade. Território anárquico, onde as diversas classes se misturam, a praia é responsável pelo surgimento de símbolos,

<sup>10</sup><Disponível em: <http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2014-09-14/trinta-presos-por-arrastoes-em-domingo-de-praia-cheia.html> Acesso em: 03 mar. 2018>

<sup>11</sup>Trecho da música “Cariocas”, composta pela cantora e compositora Adriana Calcanhotto.



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

idiomas, músicas, imagens, personagens e acontecimentos que constituem o acervo da história urbana carioca<sup>12</sup>. O’ Donnell (2013) menciona que, entre a modernidade e a moralidade, houve uma franca identificação do Rio de Janeiro com o ethos praiano.

Nesse contexto, o hábito de aplaudir o pôr do sol (principalmente nos dias de verão) age como uma espécie de celebração no Rio de Janeiro. La Rocca (2015) destaca a importância do lugar e da rua como predisposição, funcionando como um palco onde se “encena” a existência fazendo surgir a sua vitalidade. O Arpoador é um dos lugares onde “todo mundo vai para ver o astro rei ir embora, aplaudindo esse cotidiano espetáculo de cor”<sup>13</sup>. Fernandes (2015) frisa que viver é ritualizar o cotidiano, e a compreensão da repetição que acessa o mito pode levar ao reconhecimento de fenômenos conformadores da poética da vida cotidiana.

Cabe registrar que o carioca é um indivíduo que gosta de experimentar as sensações e emoções que o Rio de Janeiro libera, tendo em vista que “a cidade é um estado de espírito, um conjunto de atitudes, um produto da natureza humana” (LA ROCCA, 2015, p. 176). Reunidos com pessoas de todos os locais do Brasil e do mundo, os cariocas se juntam na Pedra do Arpoador para aplaudir emocionados o espetáculo da natureza: o sol se põe no mar, ao lado da Pedra da Gávea e do Morro Dois Irmãos. Freitas e Fortuna (2009, p. 114) argumentam que:

A sociabilidade se manifesta sem propósitos objetivos. Há interesses individuais, mas eles se dissolvem em meio à interação e se tornam autônomos a ela. Prevalece o interesse coletivo. O que importa é o sucesso da reunião social. Busca-se a confraternização. Cultura, posição social e méritos não podem participar do momento sociável, visto que comprometem a pureza da sua manifestação.

Le Breton (2009) cita que as emoções que acometem o indivíduo são formas organizadas de existência, identificáveis no seio de um mesmo grupo. O Arpoador possui uma história de amor com o Rio de Janeiro, sendo apontado como um lugar onde talvez a cidade seja mais carioca. No horário de verão, o pôr do sol costuma ocorrer por volta das 19h30min, e a Pedra do Arpoador fica lotada com centenas de pessoas para oferecer salvas de palmas para o astro rei.<sup>14</sup>

<sup>12</sup><Disponível em: [http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download/2418\\_O%20Rio%20de%20Janeiro%20e%20sua%20orla.pdf](http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download/2418_O%20Rio%20de%20Janeiro%20e%20sua%20orla.pdf) Acesso em: 04 mar. 2018>

<sup>13</sup><Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/revista/815/apologia-do-arpoador-3045.html> Acesso em: 01 mar. 2018>

<sup>14</sup><Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/revista/815/apologia-do-arpoador-3045.html> Acesso em: 02 mar. 2018>



Ainda de acordo com o autor (2009), as emoções são oriundas de uma simbólica social, embora venham a se traduzir de acordo com as circunstâncias e com as singularidades individuais. Siqueira<sup>15</sup> menciona que, da ordem de um olhar sociológico e antropológico relacional, é importante tratar as emoções como construções sociais, já que operam como termos de uma linguagem feita a partir de diferenças (amor versus ódio/raiva; tristeza versus felicidade; medo versus coragem) e todas as suas gradações.

A Pedra do Arpoador, que divide as praias de Copacabana e Ipanema, é o lugar mais concorrido do Rio de Janeiro na hora do pôr do sol, especialmente no verão, onde diariamente milhares de cariocas e turistas comparecem ao local munidos de câmeras fotográficas.<sup>16</sup> Maffesoli (2014) ressalta que a ética da estética diz respeito ao prazer de estar junto, chamando a atenção para um elo social elaborado a partir das paixões e emoções comuns. Partindo de tal raciocínio, o Arpoador também pode ser visto como “lugar altar” sob a ótica maffesoliana - assunto a ser tratado no tópico a seguir.

### 3. O Arpoador como “lugar altar” entre Ipanema e Copacabana

A Pedra do Arpoador (também chamada de Ponta do Arpoador) é uma formação rochosa que divide as orlas de Ipanema e Copacabana. O local é um dos pontos turísticos do Rio de Janeiro, e deu origem à praia de mesmo nome. A Pedra do Arpoador fica localizada entre a praia do Arpoador e a Praia do Diabo.

As práticas da pesca submarina e do mergulho no Rio de Janeiro tiveram início na Pedra do Arpoador, e a Praia do Arpoador sempre foi considerada detentora das melhores ondas para surfar. Cabe frisar que a Ponta do Arpoador serviu de palco da emancipação cultural de diversas gerações, abrindo espaço para a modernidade<sup>17</sup>. É importante destacar que, em janeiro de 1982, foi inaugurado no Arpoador o Circo Voador. A ideia nasceu em virtude da reivindicação da instalação de uma tenda para shows no início do bairro de Ipanema. Sendo assim, vários artistas promoveram um cortejo no dia 10 de janeiro do mesmo ano, e marcharam da Praça Nossa Senhora da Paz (localizada em

<sup>15</sup>SIQUEIRA, Euler David de. “Um Rio de Emoções: Turismo, Violência e Cotidiano nas Representações Midiáticas do Carnaval Carioca”. Artigo publicado na Revista Rosa dos Ventos/ 4(IV)/pp.458-468/out-dez de 2012.ISSN: 2178-9061

<sup>16</sup><Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,turistas-aplaudem-por-do-sol-no-rio-e-fogem-do-calor-com-banho-noturno,174833e> Acesso em: 02 mar. 2018>

<sup>17</sup><Disponível em: [http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download/2418\\_O%20Rio%20de%20Janeiro%20e%20sua%20orla.pdf](http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download/2418_O%20Rio%20de%20Janeiro%20e%20sua%20orla.pdf) Acesso em: 02 mar 2018>



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Ipanema) até o Arpoador para reivindicar o espaço cultural. E a partir do dia 15 de janeiro de 1982, uma lona foi esticada por dois meses e meio no Arpoador durante o verão, sendo posteriormente transferida para o bairro da Lapa - onde o Circo Voador permanece até os dias atuais. O Circo Voador veio a se transformar em uma das principais casas de espetáculo da cidade.<sup>18</sup>

O nome “arpoador” possui correlação com a atividade de caça às baleias e arraias-jamantas com o uso de arpões a partir da pedra. Os índios tinham o hábito de caçar baleias usando o arpão mesmo antes da chegada dos portugueses ao Rio de Janeiro; e no final do século XIX, ainda existiam empresas na cidade que atuavam caçando baleias para fins comerciais<sup>19</sup>. Cabe lembrar que o Rio de Janeiro foi a capital do Brasil por quase dois séculos, e abrigou a família real e a corte portuguesa. A caça comercial de baleias foi proibida no ano de 1986 pela Comissão Baleeira Internacional, embora já tenha sido uma atividade muito intensa no país<sup>20</sup>.

A década de 50, conhecida como “anos dourados”, foi marcada por grandes transformações no cenário brasileiro. A Segunda Guerra Mundial havia acabado, e o alívio era total com o fim do conflito. De acordo com reportagem do jornal O Globo, na década de 50 as mulheres quando queriam usar biquíni iam para o Arpoador, já que em outros lugares da cidade do Rio de Janeiro a peça de vestuário não era socialmente aceita. Desse modo, para o Arpoador iam as meninas “avançadas”. E com o passar dos anos, o Arpoador virou quase uma “república independente”, funcionando como um pólo produtor de inesgotáveis novidades<sup>21</sup>. Nesse contexto, “a modalidade do corpo pelas vestimentas e posturas típicas dá um tom emocional ao lugar, uma construção de um ar natural” (LA ROCCA, 2015, p. 177).

Nacif (2005) menciona que, na cidade do Rio de Janeiro, a geografia da moda elegeu os locais de lazer junto ao mar. Além de ser o lugar eleito para o uso do biquíni nos anos 50, também foi na praia do Arpoador que pela primeira vez alguém ficou em pé sobre uma prancha de pegar jacaré. Ou seja: todas as novidades acima surgiram no Arpoador, tornando a pequena faixa de areia uma plataforma de lançamento de modas e invenções tão típicas do carioca<sup>22</sup>.

<sup>18</sup><Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cidades/documentario-circo-voador/> Acesso em: 04 mar. 2018>

<sup>19</sup><Disponível em: [http://www.diariodocomercio.com.br/noticia.php?tit=arpoador\\_e\\_boa\\_opcao\\_para\\_turista\\_no\\_rio&id=179261](http://www.diariodocomercio.com.br/noticia.php?tit=arpoador_e_boa_opcao_para_turista_no_rio&id=179261) Acesso em: 02 mar. 2018>

<sup>20</sup><Disponível em: [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2001/010723\\_baleia.shtml](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2001/010723_baleia.shtml) Acesso em: 02 mar. 2018>

<sup>21</sup><Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/o-arpoador-como-luz-no-coracao-dos-cariocas-7743102> Acesso em: 02 mar. 2018>

<sup>22</sup><Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/o-arpoador-como-luz-no-coracao-dos-cariocas-7743102> Acesso em: 03 mar. 2018>



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Partindo de tal perspectiva, La Rocca (2015, p. 177) ressalta que:

A moda vestuária é o resultado de um vasto simbolismo de pertença e de particularização dos espaços, uma forma de apego ao lugar de referência, como os gestos e a postura corporal são os componentes simbólicos criados pela atitude de estar em determinado lugar e produzir uma tal ambiência. Moda e gestos são, assim, a forma de comunicação primária para destacar a presença do corpo, fazê-lo estar em um lugar e particularizá-lo.

Visando complementar à análise referente ao fato do Arpoador funcionar como “república independente”, é interessante observar que o vereador Carlo Caiado (DEM-RJ) apresentou no final do mês de outubro de 2017 um projeto de lei que propõe a subdivisão de Copacabana e Ipanema. De acordo com a proposta do vereador, seria criado o bairro do Arpoador, formado pelo polígono limitado pelas ruas Gomes Carneiro, Bulhões de Carvalho e Francisco Otaviano, incluindo a grande pedra e a faixa de areia com cerca de 500 metros de comprimento mundialmente famosa.<sup>23</sup>

Virando ou não um bairro carioca independente, o Arpoador é um cantinho de areia e pedras com um pôr do sol arrebatador, enchendo o coração dos cariocas de alegria<sup>24</sup>. O “Arpex” (apelido carinhoso dado pelos surfistas locais ao Arpoador)<sup>25</sup> apareceu nos primeiros lugares da pesquisa “O Carioca e a Felicidade”<sup>26</sup>, sendo mais citado do que o Pão de Açúcar. Elaborada pela agência “Quê Comunicação” juntamente com a Casa 7 Núcleo de Pesquisa para o Jornal O Globo, a pesquisa perguntou aos entrevistados os lugares que mais inspiram felicidade no Rio. As praias cariocas (em geral) apareceram em primeiro lugar, seguidas pelo Cristo Redentor. O Arpoador veio logo atrás, com 22%, na frente do Pão de Açúcar.

Percebido como um símbolo da “carioquice”, o Arpoador é um lugar emblemático no Rio de Janeiro, partindo da premissa de que “a cidade é pontilhada por uma multiplicidade de pequenos altares que têm a mesma função: neles se elaboram os mistérios da comunicação-comunhão” (MAFFESOLI, 2004, p. 59). De acordo com reportagem publicada pelo jornal O Globo, a

<sup>23</sup><Disponível em: <http://m.folha.uol.com.br/colunas/alvaro-costa-e-silva/2017/10/1931692-vereador-quer-a-independencia-do-arpoador.shtml?mobile> Acesso em: 03 mar. 2018>

<sup>24</sup><Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/o-arpoador-como-luz-no-coracao-dos-cariocas-7743102> Acesso em: 04 mar. 2018>

<sup>25</sup><Disponível em: <http://m.jb.com.br/rio/noticias/2009/09/24/meteorologia-fala-de-ressaca-no-fim-de-semana-e-surfistas-se-animam/> Acesso em: 04 mar. 2018>

<sup>26</sup><Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/pesquisa-exclusiva-revela-que-75-dos-cariocas-consideram-rio-uma-cidade-feliz-7713601> Acesso em: 04 mar. 2018>



democracia das areias do Arpoador não é utopia: são 500 metros de extensão com todo mundo junto e misturado. No local, convivem banhistas que chegam de metrô ou ônibus, pessoas que descem o Morro do Cantagalo (situado entre Copacabana e Ipanema), surfistas e intelectuais. Lessa (2005) menciona que:

Nessa configuração imposta pelo lugar existe a possibilidade de um laboratório único de convivência social, para a qual contribui essencialmente a linearidade. (...) No Rio a convivência é sistêmica e estrutural: as classes compartilham um mesmo espaço, uma espécie de solidariedade orgânica, à la Durkheim. (...) O abismo social não cancela a proximidade.

Maffesoli (2004) comenta que os “altares” são lugares e espaços da socialidade, compostos por afetos e emoções comuns. Para Siqueira (2015), expressar emoções pressupõe uma relação, uma interação. Em entrevista ao jornal O Globo, o artista plástico Ernesto Neto (um dos frequentadores do “Arpex”) define o local do seguinte modo: *“Churrasco pra esquentá. Música pra dançar arte surfe jacaré maré baixa maré onde pretos brancos pardos amarelos vermelhos azuis e alaranjados, rico e pé rapado, mistura miscigenada, é rebuliço festa, cultura e escultura!”*.<sup>27</sup>

Partindo do raciocínio anterior, o Arpoador se insere na lista dos “lugares altares”, onde as pessoas fazem parte de um mundo compartilhado com os outros.

É longa a lista dos ‘altares’ em que podemos investir fisicamente ou na fantasia. E, como um eco, encontramos alguma coisa parecida em todos os ‘pequenos altares’ que vêm aninhar-se no seio das grandes megalópoles, como tantos outros abrigos matriciais em que posso viver locomover-me e passar tempo com outros. (MAFFESOLI, 2004, p.64)

No Arpoador “altar”, quando o sol desaparece no mar, pessoas em uníssono lançam um longo aplauso - assunto que será tratado no tópico a seguir.

#### 4. Aplausos para o astro rei! Celebrando “a carioquice no Arpex”

Existem controvérsias sobre quem foi o verdadeiro inventor do aplauso para o astro rei na hora que ele some no horizonte carioca. Todavia, talvez o hábito tenha surgido de modo espontâneo no início da década de 60, conforme revelou em entrevista ao jornal O Globo no ano de 2013 o falecido ator Arduíno

<sup>27</sup><Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/o-arpoador-como-luz-no-coracao-dos-cariocas-7743102> Acesso em: 06 mar. 2018>



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Colasanti, um dos galãs do Cinema Novo<sup>28</sup>. Considerado uma “lenda viva” do Arpoador, Arduíno foi um dos pioneiros no surfe ao ficar em pé numa prancha de madeira. “*O ritual de aplaudir o pôr do sol surgiu de forma natural (...) Eu estava na primeira turma. Foi um dia esplendoroso, acho que era verão, porque o sol se pôs perto das Ilhas Tijuca. Aplaudimos naturalmente.*”<sup>29</sup>

Arduíno Colasanti faleceu no dia 22 de fevereiro de 2014 em decorrência de uma parada cardíaca. Dias após o seu falecimento, os amigos e familiares de Colasanti organizaram uma cerimônia informal de despedida no Arpoador justamente no fim da tarde<sup>30</sup>. O luto é motivo de reunião, conforme menciona Durkheim (1996, p. 437):

Quando um indivíduo morre, o grupo familiar ao qual pertence sente-se diminuído e, para reagir contra essa diminuição, se reúne. Uma infelicidade comum tem os mesmos efeitos que a chegada de um acontecimento feliz: aviva os sentimentos coletivos que, por isso, levam os indivíduos a se procurar e a se aproximar.

Voltando à análise dos aplausos para o pôr do sol no “Arpex”, o astro rei costuma se retirar entre 19h e 19h30min no horário de verão - conforme mencionado no tópico 2. O acesso à Pedra do Arpoador conta com escadas, facilitando a subida. Ao chegar ao topo, a paisagem é de tirar o fôlego: pode-se ver a faixa de areia que vai do Arpoador ao Leblon, passando por Ipanema, tendo ao fundo o Morro Dois Irmãos e a Pedra da Gávea. E é entre as duas rochas que o sol se põe no mar<sup>31</sup>. E quando o sol finalmente desaparece, todos os presentes se unem emocionados em um longo aplauso na Pedra do Arpoador. Segundo Le Breton (2009, p. 118):

De certa maneira, a emoção é indicada pelo grupo, que dá certo grau de importância a alguns fatos. Sua emergência, intensidade, duração, suas modalidades de aplicação, seu grau de incidência sobre os outros, respondem a incitações coletivas variáveis de acordo com o público e a personalidade dos atores solicitados.

É importante frisar que a reunião de pessoas para ver o pôr do sol também acontece em outros locais do Rio de Janeiro, como o Pão de Açúcar, a Pedra da Gávea, a Lagoa Rodrigo de Freitas, dentre outros. Entretanto, o lugar onde se cultua o pôr do sol (principalmente no solstício de verão, a

<sup>28</sup>Movimento cinematográfico surgido no Brasil na segunda metade dos anos 50.

<sup>29</sup><Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/o-arpoador-como-luz-no-coracao-dos-cariocas-7743102> Acesso em: 06 mar. 2018>

<sup>30</sup><Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/morre-arduino-colasanti-gala-do-cinema-novo-pioneiro-do-surfe-no-brasil-11688103> Acesso em: 06 mar. 2018>

<sup>31</sup><Disponível em: <http://turismo.ig.com.br/destinos-nacionais/nao-e-mito-cariocas-e-turistas-aplaudem-o-pordosol-no-rio/n1597627463158.html> Acesso em: 06 mar. 2018>



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

21 de dezembro) numa espécie de ritual coletivo, é no Arpoador<sup>32</sup>. Cultuar o astro rei sumindo no horizonte tendo como referência a Pedra do Arpoador é o que faz a diferença. Para Maffesoli, a megalópole é constituída por uma série de “altares” ou “alto lugares”, como exposto anteriormente. Em tais lugares, são celebrados diversos cultos de forte componente estético-ético - e que podem ser classificados do seguinte modo (2004, p.57):

São os cultos do corpo, do sexo, da imagem, da amizade, da comida, do esporte, etc. Nesse aspecto, a lista é infinita. O denominador comum é o lugar onde se realiza esse culto. Com isso, o lugar faz o elo. Uma formulação de Rilke resume bem essa colocação: ‘ o espaço de celebração’ (Raum des Rühmung).

Todavia, mesmo após o sol se despedir em meio às rochas, a festa no Arpoador não termina quando chega a noite. O local é um dos únicos pontos da orla carioca que possui um projetor de luz capaz de iluminar a extensão da pequena praia<sup>33</sup>. Apelidado de “prestobarba” pelos frequentadores por se assemelhar a um aparelho de barbear descartável, o projetor foi posicionado aos pés da Pedra do Arpoador, clareando o mar para os surfistas e banhistas que se aventuram durante a noite, alheios aos diversos perigos existentes no local.

Ou seja: como nem “tudo são flores” quando se trata da vida cotidiana no Rio de Janeiro, é necessário tomar cuidado ao frequentar o Arpoador. Em dezembro de 2016, uma mulher declarou à equipe de reportagem do RJTV ter sido assaltada enquanto fazia fotos na Pedra do Arpoador<sup>34</sup>. Quando se trata de aproveitar a noite (incluindo o banho de mar) no “Arpex”, o cuidado deve ser redobrado. Em matéria publicada pelo jornal O Estado de São Paulo, um guarda-vidas do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro (CBMERJ) disse que o Arpoador não possui condições de receber frequentadores no horário noturno, conforme se observa a seguir<sup>35</sup>:

*A praia não está preparada para receber o público à noite, não há estrutura. As pessoas se embebedam e depois caem no mar, podendo se afogar ou se machucar nas pedras. A maioria*

<sup>32</sup><Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/revista/815/apologia-do-arpoador-3045.html> Acesso em: 06 mar. 2018>

<sup>33</sup><Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-12/praias-do-arpoador-e-um-dos-pontos-mais-disputados-do-verao-carioca> Acesso em: 06 mar. 2018>

<sup>34</sup><Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/confusao-nas-areias-do-arpoador-zona-sul-do-rio-assusta-banhistas.ghtml> Acesso em: 06 mar. 2018>

<sup>35</sup><Disponível em: <http://brasil.estadao.com.br/noticias/rio-de-janeiro,no-rio-movimento-noturno-na-praia-se-intensifica-no-verao,10000100296> Acesso em: 06 mar. 2018>



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

*não tem familiaridade com o mar. A iluminação não é suficiente. Se houver uma emergência, não dá tempo de socorrer. Além disso, quase todo dia tem arrastão.*

Retomando a análise sobre o pôr do sol no “Arpex”, cabe registrar que as palmas ganharam um forte concorrente na hora que o astro rei se despede: o selfie<sup>36</sup>. O cenário é o mesmo; todavia, algumas pessoas preferem dar as costas para o astro rei - e usar as mãos para segurar o pau de selfie ao invés de aplaudir o sol. Tais fotos costumam ser imediatamente postadas nas redes sociais, e “nesse universo midiático-cultural contemporâneo, as redes sociais digitais também cumprem um interessante papel ao catalisar afetos, emoções e subjetividades, usando aparatos de difusão simbólica” (SIQUEIRA, 2015, p. 9).

Em reportagem publicada pelo jornal O Globo (cujo título é “*Aplauso dá lugar a selfie no pôr do sol do Arpoador*”), o goianiense Anderson Souza declarou ao manejar um pau de selfie em pleno “Arpex”: “*Quem bate palma não bate foto!*”<sup>37</sup> Alheio aos que preferem movimentar as mãos para bater palmas ou para segurar o pau de selfie para fotografá-lo, o astro rei se põe entre o Morro Dois Irmãos e a Pedra da Gávea durante os dias ensolarados de verão, despertando emoções na plateia que o assiste. E é justamente “o corpo, com seus gestos e palavras, que materializa a emoção” (SIQUEIRA, 2015, p.10).

## 5. Considerações finais

À guisa de conclusão, o Arpoador pode ser visto como “lugar que faz o elo” de acordo com a perspectiva maffesoliana. Emoções afloram quando indivíduos de vários lugares do Rio, do Brasil e do mundo se reúnem para celebrar o pôr do sol na Pedra do Arpoador. Maffesoli (2004) frisa que os “lugares altares” são espaços de socialidade, compostos por afetos e emoções comuns.

Mesmo em um cenário saturado de problemas sociais potencializados por um Governo do Estado falido, a variedade cultural e a beleza natural fazem do Rio de Janeiro uma cidade cuja concepção do espaço urbano remete à ideia de movimento, aliada à contemporaneidade. Nesse contexto, o astro rei é ovacionado pelas pessoas na Pedra do Arpoador na hora em que se despede, como uma celebração do espírito carioca nos dias ensolarados. A emoção eclode, e a frase “*Palmas*

<sup>36</sup>Selfie é uma fotografia tirada de si mesmo (comumente via *smartphone*) e enviada para um site ou mídia social.

<sup>37</sup><Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/verao-2016/apluso-da-lugar-selfie-no-por-do-sol-do-arpoador-14759561>  
Acesso em: 06 mar. 2018>



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

*para o sol!*” torna-se uma espécie de senha para os aplausos, onde “as emoções que nos acometem e a maneira como elas repercutem sobre nós tem origem em normas coletivas implícitas” (LE BRETON, 2015, p. 117).

Seguindo as pistas de Fernandes (2015), compreendemos que as cidades são constituídas por tramas cotidianas, que ganham formas e contornos a partir de suas interações sensíveis. Desse modo, o Arpoador, e todo imaginário que o constitui, resiste e existe a partir da teatralidade cotidiana, dos jogos jogados pela cidade expressos em pequenos rituais cotidianos em que os aplausos ao pôr do sol são expressão de uma performatividade que brota das interações, das experiências sensíveis, do desejo de “estar-com”, do “faire-avec”, de re-encantar o mundo através de um gesto.

#### Referências Bibliográficas

ABREU, Regina Maria do Rego Monteiro de. A capital contaminada - a construção da identidade nacional pela negação do espírito carioca. In: LOPES, Antônio Herculano (Org.). **Entre a Europa e a África: a invenção do carioca**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Topbooks, 2000.

BUENO, Maria Lúcia. Cultura e estilos de vida. In: BUENO, Maria Lúcia; CAMARGO, Luiz Octávio de Lima (Org.). **Cultura e consumo: estilos de vida na contemporaneidade**. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2008.

CANCLINI, Néstor G. De la diversidad a la interculturalidad. In: **Conflictos Interculturales**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2011, p.103 – 112.

CASTRO, Ruy. **Ela é carioca: uma enciclopédia de Ipanema**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

DE CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DUVIGNAUD, Jean. **Le Jeu du Jeu**. Paris: Balland, 1980.

FERNANDES, Cíntia Sanmartin. “**Territorialidades nômades: Comunicação, moda e música no Rio de Janeiro**”, in Revista ECO-PÓS – v. 16, n. 3, p. 04-18, set./dez. 2013.

\_\_\_\_\_. **Corpos Sensíveis na dinâmica urbana: interações e sentidos**. In SIQUEIRA, Denise (Org.). **A construção social das emoções: corpo e produção de sentidos na comunicação**. Porto Alegre: Sulina. 2015.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

FREITAS, Ricardo F. Comunicação e espaços urbanos de consumo: o imaginário dos shopping centers. In: FREITAS, Ricardo Ferreira; OLIVEIRA, Janete da Silva. (Org.). **Olhares urbanos**: estudos sobre a metrópole comunicacional. São Paulo: Summus, 2011.

\_\_\_\_\_; FORTUNA, Vania Oliveira. O Rio de Janeiro continua lindo, o Rio de Janeiro continua sendo um grande palco de megaeventos. In: BORELLI, Silvia Helena Simões; FREITAS, Ricardo Ferreira. (Org.). **Comunicação, narrativas e culturas urbanas**. São Paulo: Educ, 2009.

GONTIJO, Fabiano de Souza. Carioquice ou Carioquidade? Ensaio etnográfico das imagens identitárias cariocas. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). **Nu & Vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2007.

LA ROCCA, Fabio. A encenação do corpo e suas formas expressivas na cidade. In SIQUEIRA, Denise (Org.). **A construção social das emoções**: corpo e produção de sentidos na comunicação. Porto Alegre: Sulina. 2015.

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias**: antropologia das emoções. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LESSA, Carlos. **O Rio de Janeiro de todos os brasis**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **Homo eroticus**: as comunhões emocionais. São Paulo: Forense Universitária, 2014.

\_\_\_\_\_. **Notas sobre a pós-modernidade**: O lugar faz o elo. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

\_\_\_\_\_. **Saturação**. São Paulo: Iluminuras, 2010.

McCRACKEN, Grant. **Cultura e Consumo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

NACIF, Maria Cristina Volpi. Rio, Cenário da Moda. In: WAJNMAN, S.; ALMEIDA, A. (Org.). **Moda, Comunicação e Cultura**: um olhar acadêmico (recurso eletrônico). São Paulo: Arte & Ciência, 2005.

O' DONNELL, Julia. **A invenção de Copacabana**: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. Corpo, construção social das emoções e produção de sentidos na comunicação. In SIQUEIRA, Denise (Org.). **A construção social das emoções**: corpo e produção de sentidos na comunicação. Porto Alegre: Sulina. 2015.